

TRADUÇÃO MANIFESTA E DOUBLE BIND: A ESCRITURA DE JACQUES DERRIDA E SUAS TRADUÇÕES*

Paulo Ottoni **

RESUMO: A desconstrução proposta por Derrida nos permite ver a tradução como um acontecimento lingüístico singular. Esta dimensão enseja a reflexão sobre a diferença entre a chamada língua materna e a língua estrangeira. O pressuposto é que, com base nessa diferença, a língua do tradutor adquire um novo papel, como meio de transformação e produção de significado na língua para a qual se traduz. Esse acontecimento lingüístico cria um certo tipo de manifestação da tradução. Meu objetivo principal neste artigo é refletir sobre a relação existente entre as línguas envolvidas no processo de tradução através do *double bind*. O artigo analisa os prefácios, posfácios e notas de tradução de versões inglesas de alguns textos de Derrida a fim de verificar como os tradutores utilizam a desconstrução para explicar e justificar suas traduções. A hipótese desta reflexão é que entre a língua de Jacques Derrida – o francês – e a língua do tradutor – o inglês – há tradução recíproca.

* Este texto é a tradução e a fusão de duas comunicações. A primeira, *La traduction au manifeste et double bind*, foi apresentada no *Congrès de sciences sociales et humaines – traduire pour la société de demain*, realizado na Université de Sherbrooke, Québec, Canadá em 5 de junho de 1999. A segunda, *Traduction réciproque et double bind: la langue de Jacques Derrida et ses traductions*, foi apresentada no *12th World congress of applied linguistics* realizado na Universidade de Waseda, Tóquio, Japão, em 3 e 5 de agosto de 1999. Ao traduzi-las, fiz pequenas modificações para chegar a esta versão.

** Unicamp, Campinas – SP, Brasil.

UNITERMOS: manifestação da tradução; desconstrução; *double bind*; Derrida.

ABSTRACT: *The manifestation of translation and the 'double bind': the writing of Jacques Derrida and his translations. – The deconstruction proposed by Jacques Derrida allows us to see translation as a distinct language event. This dimension calls for a reflection on the distinction between the so-called mother tongue and the foreign language; we assume that, based on this difference, the translator's language takes on a new role as a means to transform and produce meaning in the language into which the text is being translated. Such a language event creates a kind of 'manifestation of translation'. My main purpose in this article is to reflect upon the relation between the languages involved in the translation process through 'double bind'. In order to understand how translators use deconstruction to explain and justify their translations, this article analyses the prefaces, afterwords and translator's notes of English versions of some of Derrida's texts. The underlying hypothesis is the existence of 'reciprocal translation' between Jacques Derrida's language – French – and the translator's language – English.*

KEYWORDS: *manifestation of translation; deconstruction; double bind; Derrida.*

A “desconstrução”, se há uma, e mesmo se ela é a prova do impossível, não há uma só. “Se houver”, como eu creio que é preciso sempre dizer, e segundo a irreduzível modalidade do “talvez”, do “talvez possível-impossível”, se há mais de uma, esta fala mais de uma língua. Por vocação. Desde o início, estava claro que “desconstrução” deveria se dizer no plural.

JACQUES DERRIDA¹

¹ *Fidélité à plus d'un – mériter d'héritier où la généalogie fait défaut, 1998, p. 221.*

Mais de uma língua.

Como traduzir esta frase sem frase que diz numa só língua que há somente tradução – da tradução?

JOHN P. LEAVEY²

Translation itself is in a double bind

GAYATRI SPIVAK³

Qual é a língua de Jacques Derrida? Se há mais de uma, como traduzir um texto escrito em várias línguas ao mesmo tempo?

Como o *double bind* manifesta a tradução; e como a tradução o manifesta?

De várias maneiras ao longo deste texto, tentarei responder a essas questões, que estão subjacentes a toda minha reflexão. Examinarei o papel dos tradutores ao traduzirem para o inglês a escritura de Jacques Derrida, já que considero que eles, ao transformarem a língua de Derrida, estão produzindo um *acontecimento* único frente à desconstrução e às suas próprias traduções. A simples distinção entre duas línguas – francesa e inglesa – não se sustenta mais. O papel desses tradutores é o de mostrar que não há uma só língua para a desconstrução; deste fato decorre que estão sujeitos ao *double bind*, isto é, estão entre o intraduzível e a tradução, entre a necessidade e a impossibilidade da tradução. Se, por um lado, a tradução manifesta o *double bind*, ele também a manifesta, isto é, há uma relação de reciprocidade entre tradução e *double bind*. Por outro lado, a *tradução manifesta* é também uma maneira de refletir sobre a relação entre o que Derrida (1999a) chama de “tradução *relevante*” e o que eu denomino “tradução recíproca”.

Procurarei analisar a maneira pela qual Barbara Johnson, Joseph Graham, David Wills, Eric Prenowitz, Gayatri Spivak, John Leavey Jr. e Richard Rand, reconhecidos tradutores de Derrida para o inglês, participam da “tradução recíproca” tendo de su-

² D'une langue à l'autre – de la traduction de la traduction, 1994, p. 303.

³ Translator's Preface. In: *Of Grammatology*, 1974, p. lxxxvi.

portar o *double bind*. Dito de outro modo, é somente a partir do *double bind* que se pode dizer que há “tradução recíproca”. Partirei da reflexão de Derrida sobre a “tradução *relevante*” com o objetivo de discutir essas duas posturas sobre a tradução, e a relação entre desconstrução e tradução. Derrida (1999a) comenta:

Por que meu título [“O que é uma tradução *relevante*?”]: permaneceria para sempre intraduzível? Em primeiro lugar, porque não se poderia decidir de qual língua de origem ele releva. [...] Impossível decidir de qual língua de origem releva, por exemplo, a palavra “*relevante*”, que deixo, por enquanto entre aspas. Nem a qual língua ela pertence no momento em que dela me sirvo, nos sintagmas, ou nas frases onde pretendo inscrevê-la. Essa palavra fala uma única e mesma língua, *numa* única e mesma língua?

Derrida, em seguida, procura responder a suas questões, e “traduz” o título da seguinte maneira:

[...] o que eu lhes proporei sob esse título (“O que é uma tradução ‘*relevante*?’”) será – sem dúvida alguém de qualquer reflexão digna dessa palavra sobre a palavra, sobre a unidade da palavra em geral – uma abordagem, mais modesta e *laboriosa*, baseada no exemplo de uma única palavra “*relevant*” [...] O que acontece com esse vocábulo “*relevant*”? Ele tem todos os traços dessa unidade de linguagem que denominamos, familiarmente, uma palavra, um corpo verbal. [...] Ora, essa palavra, “*relevant*”, traz em seu corpo uma operação de tradução em andamento [...]. Aqueles e aquelas, a quem o inglês é familiar, talvez já o escutem como a domesticação, o afrancesamento implícito ou, ousarei dizer, a franquia mais ou menos tácita e clandestina do adjetivo inglês “*relevant*”, que seria assim transposto para a língua francesa com armas e bagagens, com seus predicados de denotação e de conotação. O feminino francês dessa palavra (uma tradução “*relevante*”) soa ainda mais inglês e nos remete à assinatura e àquilo que está

em jogo na diferença sexual, em toda parte onde existe tradução, tradutora, tradutor. (p. 23-4)

Este comentário mostra a importância da palavra como “corpo verbal” e nos remete, ao mesmo tempo, ao papel “relevante” que os tradutores têm em relação à língua de Derrida, com as palavras como “corpo verbal” numa operação de tradução. Por um lado, podemos nos perguntar qual é a distinção – se ela existe – entre desconstrução e tradução quando se analisam as traduções da escritura de Derrida para o inglês. Por outro, podemos relacionar a esta questão a afirmação de Derrida (cf. 1995a, p.16): “Deconstruction **is**/in America”. Esta afirmação nos dá condições de fazer certas observações sobre o papel dos tradutores ao longo da análise que se segue. Retomarei o tema da relação *deconstruction* e *America* no final.

Johnson (1981), desde o primeiro parágrafo de sua introdução (cf. *Translator's introduction*), situa sua tradução do texto *De la dissémination* (Derrida 1972) em relação à maioria das outras traduções da escritura de Derrida para o inglês. Ao longo dessa introdução, Johnson faz uma reflexão sobre a desconstrução e suas implicações para a tradução. No final, ela afirma:

Traduzir um autor tão penosamente atento às mais sutis diferenças lingüísticas é um exercício de aproximação violenta. Por um lado, deve-se tentar encontrar um equivalente inglês não somente para o que Derrida diz, mas também para a maneira como seu texto *difere* das suas próprias afirmações e do uso padrão do francês. Mas, por outro lado, estas diferenças microestruturais não podem ser privilegiadas às custas do poder do texto para *intervir* na história filosófica e crítica. Todavia, já que a mais surpreendente intervenção de Derrida diz respeito precisamente a sua maneira de retrabalhar a escritura, eu procurei alinhar o meu inglês com a infidelidade disseminativa do francês de Derrida em vez de reduzir o seu francês a afirmações sobre a reflexão da disseminação. (p. xviii)

Derrida não faz um uso padrão do francês, já que ele traduz, transforma e dissemina os sentidos do próprio idioma francês na sua escritura. Podemos dizer que ele é infiel a sua própria língua. A tradução de Johnson fará aparecer as especificidades e ambigüidades dessa escritura, refletindo o próprio jogo da desconstrução. Ela identifica esse acontecimento, e comenta:

O texto de Derrida é construído como um movimento de cadeia ou rede, frustrando constantemente o desejo de "precisá-lo". [...] A escritura de Derrida funciona de acordo com este tipo de "outra" lógica, [*double bind*], e não surpreende que ela não esteja inteiramente em conformidade com as tradicionais noções binárias de "clareza". (p. xvi - xviii)

O que "disseminação" pode significar neste momento para a tradutora? Um jogo de linguagem que nunca terá fim? Talvez. Johnson confessa que num trecho de sua tradução ela se encontrou frente ao impossível: quando teve de traduzir a carta de Philippe Sollers a Derrida. A tradutora constata que a tradução dessa carta não é somente uma questão de encontrar equivalências entre palavras, mas também de encontrar qual era a relação da *Mimique* em Mallarmé. Johnson exprime da seguinte maneira a complexidade deste momento de "tradução recíproca" da escritura de Derrida:

A tradução é a quarta parte do processo de transformação: a versão em inglês da carta deve se relacionar com a versão inglesa da *Mimique* como a versão francesa relaciona-se com a versão francesa da *Mimique*, mas, ao mesmo tempo, as transformações produzidas na versão inglesa da carta devem produzir resultados *análogos* àqueles produzidos em francês. "Sentido", então, funciona, aqui, não como um primeiro foco, mas como uma *restrição* [*constraint*] na tradução da diferença textual. (p. xix)

Face a esta dupla complexidade – recriar um poema de Mallarmé e, a partir dele, escrever uma carta para Derrida – Johnson comenta simplesmente: "Por esse motivo, ofereço, aqui,

este texto paralelo no lugar de uma teoria de tradução" (p. xix). No final do livro, Johnson nos oferece sua tradução no lugar de teorizar esse momento frente ao impossível, pois ela sabe que não há – nem haverá – nenhuma teoria da tradução que possa explicar essa complexidade, nenhuma teoria que possa explicar ou formalizar o *double bind* que ela sofreu e suportou durante a tradução.

Graham (1985), ao traduzir o texto *Des tours de Babel* (Derrida 1987-1998), não traduziu o título: segundo ele, para manter seus vários sentidos em francês. Ele explica:

O título pode ser lido de várias maneiras. *Des* significa "some" [algumas], mas pode também significar "of the", "from the", ou "about the" [de]. *Tours* pode ser towers [torres], twists [reviravoltas], tricks [truques], turns [viradas], ou tropes [tropos], como num "arranjo" [turn] da frase. Juntas, *des* e *tours* têm o mesmo som de *détour*, a palavra para *detour* [desvio]. Para marcar a economia na língua, o título não foi alterado. (p. 206)

É importante observar que, para Graham, manter o título em "francês" é marcar a "economia na língua" e, assim, realizar o que chamo de "tradução recíproca", isto é, estar "entre" duas línguas – entre dois sistemas lingüísticos – e no "meio" das várias línguas que compõem as línguas envolvidas na tradução (Ottoni 1997, p. 24). O tradutor sofre e tem de suportar o *double bind*, pois Graham deve ao mesmo tempo traduzir e não traduzir: *Des tours de Babel*.

Por outro lado, Wills (1995) comenta como traduziu o título "*Donner la mort*" (Derrida 1999b) por "*The gift of death*", e explica como procurou manter as ambigüidades do título em francês e como traduziu essa locução ao longo de todo o livro. Segundo o tradutor, o sentido corrente de "*donner*" é "to give" [dar] e a expressão "to put to death", como "*donner la mort*", tem o sentido idiomático de "to commit suicide" [suicidar-se]. Wills comenta:

Ao traduzir o título de Derrida por uma locução, procurei ouvir nela (ou por detrás dela) a expressão inglesa "kiss of

death” [beijo da morte]. No texto eu procurei seguir a idéia de “giving” [dando] ou “granting” [oferecendo] na medida do possível, mas usei “to put to death” [suicidar-se] quando a compreensão assim pedia, algumas vezes acrescentando o francês com o objetivo mnemônico. Quando “to put to death” é usado, seja como for, o leitor poderá também ouvir o sentido de “giving”. (p. vii)

Wills, em oposição a Graham, traduz o título e, para marcar também a “economia na língua”, traduz e não traduz o título; ele está também no interior de uma “tradução recíproca”. Os dois tradutores sofrem e suportam o *double bind* de maneiras diferentes. Segundo Derrida: “não há nada de absolutamente intraduzível nem de absolutamente traduzível” (1995b, p. 117). A postura que esses tradutores assumem em relação à tradução desses títulos revela como eles estão no “coração do paradoxo”, entre o intraduzível e a tradução.

No posfácio *Translator’s note: Right on* [à mênem] do livro *Mal d’Archive – une impression freudienne* (Derrida, 1995c), Prenowitz (1996) sintetiza o papel dos tradutores de Derrida de maneira precisa ao argumentar o conflito no qual se encontram esses tradutores, como “prisioneiros num intratável *double bind*”, confirmando ao mesmo tempo seu papel de tradutor e de desconstrutor:

[...] a tarefa do tradutor está em renunciar. Interpretando, e sempre interpretando, a cada momento interferindo no sentido das palavras. Prisioneiro[a] num intratável *double bind*, memorável e infinitamente iterável, alguém deve decidir ou controlar, *il faut trancher* [é preciso decidir], precisamente onde o emaranhado idiomático não pode ser desatado. Isso significa abandonar o sonho de uma fracassada e silenciosa transfusão viva, imediata e não mitigada, não mediada. Desistir de dar, em outras palavras, porque em primeiro lugar as coisas não pertencem a você, e segundo, isso não será em nenhum caso mantido intacto. (Prenowitz, 1996, p.105)

Se, por um lado, podemos dizer que Prenowitz define o papel dos tradutores de uma maneira geral, por outro, é preciso ressaltar que há, nesta afirmação, uma especificidade da tradução tomada como participação efetiva *da e na* desconstrução, isto é, dos sentidos que migram de uma língua para outra – do francês para o inglês – e dos vários sentidos de uma palavra – de um corpo verbal – numa mesma língua. Podemos, com Derrida, tomar a seguinte afirmação como pressuposto: “*a lei não comanda sem pedir para ser lida, decifrada, traduzida. Ela pede a transferência (Übertragung [transferência – transfert], e Übersetzung [tradução – traduction], e Überleben [sobrevida – survie]). O double bind está nela*” (1987-1998, p. 219). É somente através do *double bind*, como lei, que podemos pensar numa “tradução manifesta”. A “tradução manifesta” com a “tradução relevante” e a “tradução recíproca” são manifestações da relação entre tradução e desconstrução que têm – por lei – o *double bind*.

Spivak (1974), no prefácio (cf. *Translator's preface* em *De la grammatologie*, Derrida 1967), revela como se (con)fundem o seu papel, de um lado, como tradutora, e de outro, como autora do que traduz. Ela comenta:

Comecei este prefácio informando aos meus leitores que a teoria de Derrida admite – como também nega – um prefácio que questiona a absoluta repetição de um texto. É tempo agora de informar que esta teoria admite – como também nega – a tradução, questionando o privilégio absoluto do original. Nenhum ato de leitura está sitiado e salvo pela precariedade da intertextualidade. Nenhuma tradução é, apesar de tudo, uma versão da intertextualidade. [...] Se o próprio nome, ou soberano estatuto do autor, é tanto uma barreira como uma liberação, por que a posição do tradutor deve ser secundária? Isso está agora evidente, ao desejar conservar o original (*De la grammatologie*) e seduzida pela liberdade ausente de um texto soberano (não que não houvesse *Of Grammatology* antes da minha, mas foram muitas traduções e leituras, o texto é infinitamente traduzível), *a própria tradução é e está num double bind [translation itself is in a double bind]*. (p. lxxxvi – destaque meu)

Ela reconhece a importância que tem essa afirmação. O fato de estar – por lei – entre *De la grammatologie* e *Of Grammatology*, entre “original” e “tradução” é um acontecimento que revela como a tradutora *da* e *na* desconstrução se posiciona. Ela anuncia esta questão, em Derrida, ao associar a desconstrução e *double bind* da seguinte maneira:

A desconstrução nunca pode, portanto, ser uma ciência positiva. Para nós que estamos num vínculo [*bind*], num “double (leitura abissal) bind”. O novo apelido de Derrida para a esquizofrenia da “sob rasura”. *Devemos* fazer uma coisa e o seu oposto, e no entanto nós desejamos fazer as duas, e assim indefinidamente. Desconstrução é um movimento de perpétua autodesconstrução que está habitada pela *différance*. (p. lxxviii)

Spivak sofre e suporta o *double bind*, seja no seu prefácio, seja na própria tradução. Em resumo ela afirma: “*translation itself is in a double bind*”. Se colocarmos *itself* entre parênteses, e uma barra entre *is* e *in* teremos: “*translation (itself) is/in a double bind*”, e em português: “a (própria) tradução é/está num/ *double bind*”. Essa afirmação encena, assim, o *double bind* como um jogo da *différance* num corpo verbal.

Em seu prefácio de 1979, intitulado *Undecidables and Old Names [Indecidíveis e velhos nomes]*, que precede a tradução da “Introduction” da obra “*L’Origine de la géometrie, de Husserl – introduction e traduction*” [cf. Derrida (1962)], Leavey Jr. (1989) reconhece a importância do prefácio para a sua tradução. Em 1989, onze anos após sua tradução, redige o posfácio *Coda: contrapunctus and translation [contrapunctus e tradução]* e desconstrói sua “primeira” leitura/tradução ao questionar o papel da ambigüidade da pontuação. A partir dessa problemática, ele propõe as seguintes questões:

Como posso pontuar minha leitura de um texto que traduzi há mais de onze anos? Serão pontuações de tempo ou de ritmo? Ou, é a pontuação sempre *vorzeitig* [precoce]? Pode a responsabilidade por tal pontuação ser assumida inten-

cionalmente e o sentido abandonado em favor de um outro sentido?

Minha responsabilidade é a responsabilidade do tradutor.
(p. 183)

Ao assumir essa responsabilidade, ele procura refletir a partir da experiência do próprio Derrida, que suportou, como tradutor, o *double bind* ao traduzir *L'origine de la géometrie* de Husserl. Leavey Jr. comenta:

O *double bind* de Babel está curiosamente ecoando nas duas ocorrências da torre de Babel na "Introdução" de Derrida: a primeira, na discussão dos paralelos assimétricos transcendentais entre Joyce e Husserl, equivocidade e univocidade; a segunda se refere às infinitudes de Husserl. As duas ocorrências, entretanto, quando argumentam em direções opostas sobre a torre (uma para a sua destruição e a outra para a construção), o fazem em nome da univocidade. [...] Nessas duas ocorrências, univocidade é possível (e também impossível, *contrapunctus*) somente esse-lado-da ou além (antes ou depois do final da) Babel [...]; esse-lado-da ou além do *double bind* da Babel-traduzida, e não traduzida; esse-lado-da ou além da linguagem; esse-lado-da ou além, nos termos de Husserl, a "sedução da linguagem"; esse-lado-da e além tradução, no qual, na *Verführung* [sedução] da linguagem, é também *Überführung* [tradução], a sempre transmitida e transmissível [...] capacidade de clarificação da reativação assumindo responsabilidade para o sentido; esse-lado-da ou além história; esse-lado-da ou além escritura, contraponto, pontuação, o ritmo da interrupção. (p. 190-1)

A tradução da "Introduction" se encontra entre o prefácio e o posfácio (*codas*) de Leavey Jr.: a (própria) tradução é/está num/*double bind*.

Em *Glas* (Derrida, 1974a), o autor Derrida e os tradutores Leavey Jr. e Rand se envolvem com a língua da mesma maneira, através do *double bind*. Na separata [*"prière d'ensérer"*] – que acom-

panha a reedição de *Glas* de 1995 –, o próprio Derrida (1974b) dá uma idéia da composição geral do livro:

De início: duas colunas. Mutiladas no alto e embaixo, cortadas no seu flanco: incisos, tatuagens, inscrições. Uma primeira leitura pode ser feita como se dois textos erguidos, um contra o outro ou um sem o outro, não se comunicassem entre si. E de uma certa maneira deliberada, o que é verdadeiro, quanto ao pretexto, ao objeto, à língua, ao estilo, ao ritmo, à lei. Uma dialética de um lado, uma galáctica de outro, heterogêneos e entretanto indispensáveis nos seus efeitos, às vezes até a alucinação. Entre os dois, a construção de um outro texto, diria de uma outra “lógica”: apelidada de *obséquence*, de *penêtre*, de *stricture*, de *serrure*, de *anthérection*, de *mors*, etc.

Para quem se prende à assinatura, no corpus e em si, declaramos que, colocando em jogo, em partes de preferência, meu nome, meu corpo e minha assinatura, elaboro de uma só vez, com todas as letras, as do denominado Hegel numa coluna, as do denominado Genet na outra. (p. 1)

O próprio Derrida (1986a) confessa sua surpresa com a tradução de um livro tão complexo, seja na sua “complexidade gráfica”, seja no seu “conteúdo”; e afirma: “*Nunca pensei que esse livro pudesse um dia ser traduzido [...]. Mas, agora aqui está a evidência, foi traduzido. O livro está traduzido e muito bem traduzido*” (p. 17).

Leavey Jr. e Rand traduziram uma obra cujo autor – que a produziu, que a assina – jamais pensou, nem desejou, que fosse traduzida. Leavey Jr. (1986) comenta que o traduzir não pode ser reduzido somente à forma semântica, à forma gráfica ou à forma falada. Segundo ele: “*Traduzir deve dar conta desse deslocamento. Traduzir um texto é trabalhar dentro e fora desse deslocamento – esse jogo da escritura [play of writing] é o jogo do enxerto, oral e escrito*” (p. 134).

Glas não foi escrito numa só língua – o francês – e traduzido numa outra – o inglês. Estas duas línguas se misturam e

estas línguas já fazem parte de *Glas* antes da sua tradução – na qual há “mais de uma língua” –; *Glas* não poderia existir sem tradução. Em qual/quais língua(s) o livro foi escrito? E para qual/quais língua(s) foi traduzido? Assim como Derrida, os tradutores também estão “entre” e no “meio” das várias línguas envolvidas na tradução. Ele comenta: “*Duvidei que um dia esse livro e o seu glossário chegassem a ser traduzidos, essa descrença prova em resumo um desejo contraditório, digo um double bind, desde sempre esta é a questão*” (1986a, p. 19). Quando ele confessa que duvidou da tradução de *Glas* e, em seguida constata que o “livro está traduzido e muito bem traduzido”, pode-se dizer que sua descrença se manifesta como um “desejo contraditório”, como uma maneira que ele encontrou de suportar, de sofrer o *double bind*.

Derrida vai mais longe. Ele sabe que não escreveu numa só língua e que nunca se escreve, nem na própria língua, nem numa língua estrangeira (1986b, p. 146-7). Mas ele deseja ter escrito *Glas* na sua própria língua – numa única língua – e, assim, confessa seu “desejo contraditório”: “*Publicar um livro intraduzível não é confundir-se completamente com a sua própria assinatura, copulando consigo mesmo com sua língua materna?*” (1986a, p. 19). Derrida deseja estar só com sua própria língua – materna (o francês) – como se fosse possível estar só com uma só língua.

A propósito da tradução do título, Leavey Jr. comenta: “*Glas: este termo que significa death knell [dobre, toque dos sinos, a finados] foi deixado intraduzível no texto, uma vez que Derrida não está preocupado somente com o significado, mas também com o significante e seus componentes*” (Leavey 1986, p. 135). Mas *Glas* é um termo das línguas de Derrida; qual delas? O que significa *Glas*? Segundo ele: “*Apostando nessa intraduzibilidade de gl, cujos efeitos são inumeráveis e em todo lugar mediatizados, eu responderia sem dúvida ao primeiro desejo: não deixar que esse texto seja passado para uma língua estrangeira*” (1986a, p. 20). Há em *Glas*, título e obra, *mais de uma língua; Glas fala mais de uma língua*. Daí a necessidade e a impossibilidade da sua tradução. Os tradutores, ao deixarem o título “intraduzível”, como Graham, reconhecem que *Glas* já é uma tradução – em francês – antes da sua tradução – em inglês.

Johnson, Graham, Wills, Prenowitz, Spivak, Leavey Jr. e Rand estão traduzindo a desconstrução. Passam de um texto para outro, de uma língua para outra, de um gênero para outro, rompendo fronteiras. Estes tradutores e tradutoras fazem o mesmo percurso da desconstrução e encenam um acontecimento único. Não estão traduzindo um só texto, eles estão traduzindo a desconstrução: *mais de uma língua* em mais de um texto.

O autor Derrida e os tradutores⁴ têm iguais responsabilidades frente ao *double bind*. Ambos estão desconstruindo a partir de suas “traduções”. Não há mais diferença entre prefácio, posfácio, notas – que constituem o “fora do livro” (*hors livre*) – e a tradução, nem entre autor e tradutor. Sobre prefácio e posfácio, Derrida (1972) comenta:

O prefácio [...] o fora do livro [hors livre] torna-se também um texto. Simulando o posfácio [Segundo a lógica da suspensão {relève}], o posfácio é a verdade do prefácio (sempre

⁴ Destaco dois encontros que foram realizados especificamente para discutir as traduções de textos derridianos.

O primeiro deles, *Séminaire 'traductions'*, fez parte do Colóquio *Les fins de l'homme* realizado na França, em Cerisy-la-Salle, de 22 de julho a 2 de agosto de 1980. Participaram com apresentação de trabalhos: David Carroll (coordenador), Koitchi Toyosaki, Philip Lewis, Suzanne Gearhart e Christie Vance McDonald. Participaram dos debates: Suzanne Allen, Monique Canto, François Clévenot, Jean-François Courtine, Jacques Derrida, Pierre Derrida, Francis Fischer, Christopher Fynsk, Maurice de Gandillac, Pierre Gravel, Barbara Johnson, Gilbert Kahn, Denis Kambouchner, Peggy Kamuf, Larysa Mykyta, Nicolas Rand, Richard Rand, Jean Ricardou, Avital Ronell, Gayatri Spivak e Jean-Marie Wipf.

O segundo aconteceu durante a *Quinzièmes Assises de la Traduction Littéraire*, realizado em Arles, França de 13 a 15 de novembro de 1998. No ateliê *Jacques Derrida et ses traducteurs*, o próprio Derrida sugeriu a discussão do seu texto *Che cos'è la poesie?* e das suas diversas traduções. Participaram: Jacques Derrida, Vanghélis Bistsoris (Grécia), Peggy Kamuf (EUA), Michael Naas (EUA), Cristina de Peretti (Espanha), Paco Vidarte (Espanha), David Wills (Nova Zelândia), Geoffrey Bennington (Inglaterra), Mikhaïl Maiatsky (Rússia) e Astra Skrabane (Letônia).

anunciado mais tarde) e do discurso (produzido depois do saber absoluto). O simulacro do posfácio consistiria desde então em fingir revelar, a seu modo, o sentido ou o funcionamento de uma linguagem], a recapitulação e antecipação recorrente, o automovimento do conceito, ele é um outro texto, mas ao mesmo tempo, como "discurso de assistência", o "duplo" do que ele excede. (p. 33-5)

Então, o "fora-do-livro" está incorporado no corpo do que foi traduzido. Não há mais diferença entre o dizer sobre a tradução e a própria tradução. Na desconstrução, o dizer sobre a tradução faz parte do traduzido. Os tradutores *da* e *na* desconstrução, ao mesmo tempo que encenam no "fora do livro" o que foi traduzido, incorporam os seus textos no texto da tradução. Este acontecimento faz parte da "tradução manifesta" da manifestação do *double* (indispensável) *bind*. Os tradutores sabem que suas assinaturas nos prefácios, posfácios e notas das suas traduções em "inglês" são tão importantes como as de Derrida em "francês".

Concluindo, se, como propus no início, podemos dizer que "deconstruction *is*/in America", vejamos a seguinte afirmação de Derrida (1995a):

[...] a fim de assinalar que se há um problema por toda parte "Desconstrução na América", ou "Desconstrução sendo América", *como* América, ou *na* América, essa é uma aventura da tradução, ou pelo menos é a história com a qual não podemos apagar a singular experiência da tradução e transferência. (p. 17)

É preciso dizer também que os tradutores e tradutoras (re)conhecem a "reciprocidade" e a "relevância" que há entre as línguas para a desconstrução. A escritura de Derrida manifesta o *double bind*, a sua (própria) tradução é/está num/ *double bind*. Tradutores e tradutoras, juntos com Derrida na desconstrução, têm de conviver com *mais de uma língua*, com a possibilidade do intraduzível e a impossibilidade da tradução, (re)conciliando, portanto, infinitamente, o intraduzível e a tradução.

Referências bibliográficas

- DERRIDA, J. (1962) *L'origine de la géométrie, de Husserl. Introduction et traduction*. Paris, PUF.
- _____. (1967) *De la grammatologie*. Paris, Éd. Minuit. *Gramatologia*. Trad. de Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1973. (Coleção Estudo)
- _____. (1972) *La dissémination*. Collection "Tel Quel". Paris, Éditions du Seuil, p. 7-67.
- _____. (1974a) *Glas*. Paris, Éditions Galilée. Tradução para o inglês de Leavey Jr. e Rand R., University of Nebraska Press, 1986.
- _____. (1974b) Prière d'insérer. In: *Glas*. Paris, Éditions Galilée.
- _____. (1986a) Proverb: "He that would pun...". In: *Glassary* (Leavey Jr., P. 1986), University of Nebraska Press, p. 17-20.
- _____. (1986b) Survivre. In: *Parages*. Paris, Éditions Galilée.
- _____. (1987-1998) Des tours de babel. In: *Psyché – Invention de l'autre*. Paris, Éditions Galilée, p. 203-35.
- _____. (1995a) The time is out of join. In: *Deconstruction is/in America. A new Ssense of the political*. (Org. Anselm Haverkamp). NYC Press, p. 14-38.
- _____. (1995b) *Moscou aller-retour*. Paris, Éditions de l'aube.
- _____. (1995c) *Mal d'Archive – une impression freudienne*. Paris, Éditions Galilée.
- _____. (1998) Fidélité à plus d'un – mériter d'héritier où la généalogie fait défaut. In: *Idiomes, nationalités, déconstructions*. Cahiers Intersignes (Paris) et Les Editions Toubkal (Casablanca), p. 221-63.
- _____. (1999a) Qu'est-ce qu'une traduction "relevante"? In: *Quinzièmes assises de la traduction littéraire (Arles – 1998)*. Actes Sud, Arles, França, p. 21-48. O que é uma tradução "relevante"? Tradução para o português de Olivia Niemeyer Santo, a sair in: *Alfa – Revista de Lingüística*, São Paulo.
- _____. (1999b) *Donner la mort*. Paris, Éditions Galilée.
- GRAHAM, J. (1985) Translator's note – Des tours de Babel. In: *Difference in translation* (Derrida 1987-1998). (Org. Joseph Graha.) Cornell University Press, p. 205-7.
- JOHNSON, B. (1981) Translator's Introduction. In: *Dissemination* (Derrida 1972). The University of Chicago Press, p. vii-xxiii.

- LEAVEY Jr., J. (1989) Preface: 'Undecidables and old names' et 'Coda: contrapunctus and translation'. In: *Edmund Husserl's origin of geometry – an introduction by Jacques Derrida* (Derrida 1962). University of Nebraska Press, p. 1-21 et p. 183-92.
- _____. (1994) D'une langue à l'autre – de la traduction de la traduction. In: *Le passage des frontières – autour du travail de J. Derrida*. Paris, Galilée, p. 303-7.
- LEAVEY Jr., P. (1986) Translation and terms in 'Glas'. In: *Glossary*. University of Nebraska Press, p. 133-5.
- OTTONI, P. (1997) Compreensão e interpretação no ato de traduzir: reflexões sobre o enunciado e a significação. In: *Lusorama – Zeitschrift für Lusitanistik* 32. Berlin, p. 19-27.
- PRENOWITZ, E. (1996) Translator's note – right on [à même]. In: *Archive Fever – a Freudian impression* (Derrida 1995). The University of Chicago Press, p. 104-11.
- SPIVAK, G. (1974) Translator's preface. In: *Of grammatology* (Jacques Derrida, 1967), edição corrigida, 1997. The Johns Hopkins University Press, p. ix-lxxxvii.
- WILLS, D. (1995) Translator's Preface. In: *The gift of death* (Derrida 1999). The University of Chicago Press, p. vii et viii.

